

# Diretores e governo querem reestruturar pólo de cinema

Camilla Vidal

O Pólo de Cinema de Brasília é tema de discussão de cineastas e representantes da cultura de Brasília. Com a intenção do governo de propor uma lei de incentivo à cultura para o DF, cineastas e Secretaria de Cultura entendem que o espaço precisa ser reestruturado.

Criado em 1991, durante o governo de Joaquim Roriz, o Pólo de Cinema e Vídeo Grande Otelo fica situado em Sobradinho. O espaço, com 700 hectares, possui escritório, estúdio e áreas para gravações externas. No pólo já foram filmados cerca de 200 filmes, entre curtas e médias-metragens.

O primeiro a defender o Pólo é Fernando Adolfo, cineasta, coordenador do Festival de Brasília

do Cinema Brasileiro. Como ex-presidente do Pólo de Cinema, Adolfo destaca a importância do pólo no mundo cinematográfico da cidade. Filmes como *O Engenho de Zé Lins*, de Vladimir Carvalho, *O Romance do Vaqueiro Voador*, de Manfredo Caldas, *A Grade*, de Afonso Brasa, e *A Inesperada Visita do Imperador*, de Gilvan Lima, foram produzidos com apoio do Ministério da Cultura e do Pólo de Cinema de Brasília.

– O 39º Festival de Brasília teve 22 filmes produzidos em Brasília, em todas as categorias competitivas. Isso mostra que o cinema brasileiro tem capacidade para competir com produções de São Paulo e Rio de Janeiro – diz Adolfo. O Pólo contribui para esse crescimento do setor na cidade.

De acordo com o coordenador do festival, o Pólo é de grande valia para enxugar o orçamento de qualquer produção de cinema. Dentro do Pólo, os cineastas podem encontrar aparelhos de iluminação, duas filmadoras, telefones e computadores.

– O cinema é caro e realmente precisa de outros apoios. Mas o Pólo é um facilitador para a realização de produções de Brasília – afirma Fernando Adolfo.

A localização do Pólo, próximo à Sobradinho 2, é alvo de críticas. Mas, para Adolfo, a localização não dificulta o trabalho dos cineastas.

– Do Plano Piloto até lá gasta-se 20 minutos. Brasília não tem o trânsito das grandes cidades – defende.

O Pólo foi construído a partir do aval da sociedade. Sobradi-

nho foi escolhida por ter uma localização privilegiada.

– Não está próximo do centro da cidade para evitar interferência aérea, buzinas de carros, trânsito – justifica o cineasta.

O novo secretário de Cultura, o jornalista Silvestre Gorgulho, diz que formará uma força-tarefa com cineastas e ativistas culturais para discutir o cenário cultural do DF.

– Pela primeira vez a Secretaria de Cultura vai aproximar os personagens principais (os cineastas) dos projetos e das leis de incentivo – diz o secretário.

Gorgulho diz ainda que a função principal do Pólo de cinema e vídeo Grande Otelo é o de baratear o custo de produção. Para isso, precisa estar fisicamente bem instalado. Mas o mais importante é a captação de recursos.

MARCOS BRANDÃO



Pólo de Cinema e Vídeo: criado em 1991, foi cenário para a produção de 200 filmes entre curtas e longas-metragens

## Diretores dizem que espaço é só um estúdio

Para cineastas que vivem em Brasília, a função de um pólo de cinema, como indústria cinematográfica e de fomento para a produção local, não está sendo colocada em prática. A situação só poderia ser resolvida com a implantação de uma lei distrital de incentivo à cultura e a ampliação do Pólo de Cinema e vídeo Grande Otelo.

Renato Barbieri, há 24 anos cineasta, dos quais 11 em Brasília, onde realiza seus projetos, não se diz contra o Pólo. Mas não acredita que o local faça justiça ao nome que tem. Para o cineasta, o espaço deveria ter a função de polarizador, como na indústria.

– O que está sendo discutido nesse momento é o tamanho e a função dele. O pólo não é o que tem em Sobradinho. Lá é apenas um estúdio que serve

ao pólo – diz o cineasta.

Realizador de cerca de mil produções, entre cinema e televisão, Barbieri fez filmes como *A vida de Maria*, de 2004, exibido na abertura do 37º Festival de Brasília. Foi o diretor de *Atlântico negro - na rota dos orixás*, produção de 1998, também mostrado na abertura do Festival de Brasília, e participou de outras mostras como a de Cannes. No total, o cineasta tem, em Brasília, 28 produções, sendo três longas e 12 médias-metragens.

Mais radical sobre a situação da cultura e da cinematografia brasileira, o cineasta Manfredo Caldas, defende a reestruturação do Pólo

– Para que esse prédio funcione mesmo tem que se elaborar uma política definitiva – defendeu Caldas. – Esse Pólo

de cinema não significa nada para mim.

O cineasta assina o longa *O Romance do vaqueiro voador*, filme de abertura da última edição do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Produzido e filmado no Plano Piloto, cidades-satélites e no Cerrado, o longa custou R\$ 800 mil. Um custo muito inferior a outros longas, que, em média, custam de R\$ 1 a R\$ 2 milhões.

– Brasília tem força humana e técnica capacitadas para a realização de grandes projetos. Só deixa a desejar na parte de finalização e divulgação – reclama Manfredo Caldas.

Na opinião de Barbieri e Caldas, as soluções para a tímida indústria cinematográfica passam pela edição de leis de incentivo e do fomento à produção local.

## Produção fica mais barata

O curta-metragem *A espera da morte*, da Cia de Comédia Os Melhores do Mundo, faz parte da lista de produções realizadas no Pólo de cinema e vídeo. Filmado em 2005, o curta concorreu na mostra competitiva do 38º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Participação que, segundo o elenco e direção, não poderia ter sido alcançada sem o edital realizado pela Secretaria de Cultura do DF.

O curta, falado todo em russo, acontece em plena guerra fria. O submarino soviético Krushev, sob o comando do *linha dura* Comandante Shuscocov, viaja incógnito pelos oceanos gelados. Uma explosão na sala do reator faz o submarino afundar, mas antes que a morte chegue para toda a tripulação, Shuscocov revela um segredo chocante que pode abalar a União Soviética.

As cenas foram filmadas no estúdio do Pólo. Com exceção, apenas, de duas cenas gravadas em um navio emprestado do Museu da Marinha, no Rio de Janeiro.

## Melhores do Mundo fazem defesa do Pólo e destacam apoio financeiro

Foram quase cinco meses de produção e finalização do primeiro filme dos comediantes. Para a construção do submarino feito de madeira, ferro e sucatas, foram três meses de esforço. Período que se fosse realizado em um estúdio pago custaria no mínimo R\$ 1 mil por dia.

– Sou defensor do pólo. A estrutura é muito boa, o lugar é apropriado. Tem espaço para camarim, além do estúdio que é razoável – comentou o ator e roteirista do curta, Jovane Nunes. – O mais importante foi o apoio logístico e financeiro da Secretaria de Cultura com o nosso projeto.

*A espera da morte*, que custou R\$ 130 mil recebeu R\$ 80 mil do Pólo para a sua realização. A diferença foi custeada pelos integrantes do grupo de teatro e por meio da bilheteria dos espetáculos.

Para o diretor do curta, André Luiz Cunha, a ajuda do Pólo foi de fundamental importância. Porém, admite que o lugar precisa ser *ressuscitado*.

– Infelizmente é um lugar que não tem um uso frequente – disse Cunha. – Falta uma política clara na área do áudio visual, que inclui produção, ensino, formação de pessoal, distribuição de filmes.

“Pela primeira vez a Secretaria de Cultura vai aproximar os personagens principais dos projetos e das leis de incentivo”.

Silvestre Gorgulho, secretário de Cultura

“O cinema é caro e realmente precisa de outros apoios. Mas o Pólo é um facilitador para a realização de produções de Brasília”.

Fernando Adolfo, ex-diretor do Pólo de Cinema de Brasília